



LIBERÁ

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO
farj@riseup.net <http://farj.entodaspares.org> Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
 Reuniões do CELIP todas as terças. 19h no SINDSPREV-RJ. Rua Joaquim Silva, 98-A - Lapa. Auditório do 3º andar.
 Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 17h. Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

ANO 15
No. 130
JUL-AGO/2005
F.A.R.J.

A crise do governo esquerdista: escândalos de obviedades,

Ou

Decepção para quem, cara pálida?

Já faz tempo que não se ouve falar em outra coisa. A crise do governo Lula está dando mais íbope do que qualquer novela da Janete Clair. Desde de os regozijos dos sociais-democratas de plantão, colonistas dos jornais de maior circulação pública, num chato e sub-reptício “...então, quando votei no Covas...” ou “será que agora o PT vai aprender a ser menos autoritário?” e até “eu não tive nenhuma dificuldade para me adaptar a política do PT, eu não mudei, o PT mudou...” dito por bocas coligadas e neo-liberais. Afinal, o que temos a dizer deste circo trash? Certamente que não serão dicas de especialistas para superar a “desilusão e falta de esperança” que, por hora, sofre o povo em função desta “grave crise institucional”, tal como fez uma revista nestas patéticas semanas (povo este que, por certo, não pode dispor dos *irreais* que ganha a preço de duro suor para comprar esta revista). Fato é que, não hipotecamos nossos princípios políticos como fez esta esquerda socialista e, portanto, nada temos com esta crise.

Isto porque no princípio anarquista de organização política nunca esteve presente a proposta de compor as bases de uma estrutura hierárquica e presidencialista, representada num Congresso eleito através da sórdida máquina partidária. Mesmo em 2002, para desgosto absoluto da esquerda unida *como nunca* para eleger Lula, nós estávamos lá, fazendo **nossa campanha pelo voto nulo**.

Cito: “O Estado, o governo, sejam quais forem à forma, o caráter ou a tendência, quer seja autoritário ou constitucional, monárquico ou republicano, fascista, nazi, ou bolchevique, é pela sua própria natureza, conservador, estático, intolerante e oposto à mudança. Se ele evolui positivamente às vezes é por, submetido a pressões

suficientemente fortes, ser obrigado a operara a mudança que se lhe impõe... Além disto, o conservadorismo inerente à autoridade, sob as suas formas, torna-se inevitavelmente reacionário. Duas razões para isso: a primeira, é que é natural para o governo, não somente resguardar o poder que se detém, mas também reforçá-lo, expandi-lo e perpetuá-lo

no interior e no exterior de suas fronteiras... A psicologia governamental impõe uma influência e um prestígio em constante aumento, nacional e internacionalmente, e ela aproveitará todas as ocasiões para engrandecer. Os interesses financeiros e comerciais que sustentam o governo que os representa e serve, motivam esta tendência”. (Emma Goldman).

Nesta direção, é evidente que tampouco acreditamos na eficácia da representação indireta. Ao contrário, nossas propostas de estruturação da vida política

coletiva se pautam no respeito incondicional a voz do outro. A participação constante e efetiva do indivíduo que compõe uma realidade social é o que nutre as transformações sociais a que nos propomos. **Haja vista as ocupações urbanas.** Ninguém melhor que o indivíduo que vive a diária ausência das condições mínimas de uma vida digna, posto que é constantemente humilhado por este sistema de poder, no qual historicamente lhe são negados seus direitos a educação, assistência médica e moradia, para saber exatamente quais são os melhores caminhos para sua comunidade. Afinal, seus impostos servem para quem?

Teorias econômicas para todos os gostos e partidos estão a justificar racionalmente a submissão do homem a circunstâncias miseráveis de existência. Planejamentos a longo prazo para uma vida que é finita. Realmente, não temos que suportar. Ação direta já!



“Se o capitalismo é uma religião, o Estado é a sua igreja”.

ASSIM FALA UM SEMEADOR

Entrevista com o companheiro Marco Augusto da Cruz da ocupação de Vila da Conquista

O Anarquismo originou-se do povo e só conservará a vitalidade e a força criadora que lhe são inerentes enquanto se mantiver com a sua peculiaridade de movimento popular.

Kropotkin

Libera – Marco, gostaríamos que você falasse um pouco sobre sua vida, de onde você é, onde você nasceu...

Marco – Nasci no RJ, sou filho de uma mãe camponesa, natural da cidade de Campos e de um pai que era filho de imigrantes italianos e espanhóis. Só que não vivi com meu pai, vivi com minha mãe. Estou com 38 anos. Por volta daquela época a ditadura militar ainda imperava no Brasil, principalmente no RJ e também os emigrantes tinham um certo preconceito na questão de raça e por minha mãe ser uma índia, ou melhor, cabocla, filha de índio o preconceito de cor pesou e as famílias não aceitaram a união dos dois. Aí foi que minha mãe me criou praticamente sozinha. Mas conheci um pouco da família dele. Meu pai era um anarquista chamado Carlos Kasiso e faleceu há cerca de 8 anos. Minha avó paterna veio da Europa como refugiada em um momento em que lá havia revolução, guerra.

Libera – E como foi a sua infância?

Marco – Minha mãe viveu na Praia do Pinto, uma favela que existiu no Rio bem no coração do Jockey e que foi incendiada pelo sistema da ditadura militar para que se pudesse construir naquela área para o pessoal da classe burguesa. Ali morreram muitas pessoas. Minha mãe, que foi uma das sobreviventes, mudou-se para o Morro do Vidigal, que estava surgindo, e de lá foi morar na Cidade Deus da qual foi uma das fundadoras e a primeira a ganhar uma casa quando inauguraram o conjunto. De lá saiu para Tinguá, município do Estado do Rio, e agora está novamente em Jacarepaguá em um bairro próximo à Cidade de Deus. Nestes lugares cresci sem ter a oportunidade de estudar como queria. Só consegui cursar até a quarta série em vista de muitas dificuldades e até mesmo por conta da desorganização do governo que não consegue moradia fixa para as famílias que são obrigadas a se mudar constantemente. Isto atrapalhou muito minha vida na questão de estudo. Mas levei minha vida. Cedo comecei a trabalhar. Exerci a profissão de sapateiro que é uma das profissões que os anarquistas exerciam muito. Depois trabalhei com pintura de carros, obra, jardinagem, vários trabalhos eu sei fazer.

Libera – E como começou a sua participação nas lutas da Vila da Conquista em Jacarepaguá?

Marco – Por volta de 1996 foi que eu conheci a Vila da Conquista, que ainda não era Vila da Conquista, mas simplesmente algumas famílias que compraram alguns lotes de terra na mão de um especulador. Eu também comprei um pedacinho de terra. Pensávamos que estávamos comprando as terras, mas fomos lesados por este cidadão. Como não tínhamos formação política, apenas alguns conhecimentos libertários

que não sabíamos como encaminhar, pensávamos que o Estado era aquela certeza, o pai de todos, mas não era. Depois de quatro anos o poder do município veio ao nosso encontro para falar que não podíamos ficar naquela região, que era rica e pertencia a empresários, e que nós teríamos que ser expulsos dali. Então eu e o outro senhor, que é o “seu” Ademar, que até hoje é morador da Vila da Conquista resolvemos resistir. Fomos procurar nossos direitos e encontramos algumas pessoas que nos indicaram vários setores onde poderíamos buscar recursos e abrigo. Mas todos os abrigos que nós procuramos como partidos, empresários, se recusaram a vir em nossa ajuda. Aí foi que conhecemos uma pessoa que morava em Jacarepaguá e que encaminhou a gente para os sindicatos onde começamos a receber o apoio dos trabalhadores.

Libera – Você chegou a se aproximar de algum movimento político?

Marco – Dali fomos conhecendo socialistas, anarquistas. Quando começamos a ter contato com os sindicatos os marxistas se aproximaram da Vila da Conquista, fizeram palestras e alguns trabalhos para a gente. Tentaram me levar para o partido e realmente acabei

indo para o partidão. Fiquei um ano participando da militância, mas depois reparei que havia muitas questões contraditórias. Eles falavam de defesa dos trabalhadores, pregavam sobre a frente das passeatas, pressão sobre o governo, mas logo faziam negociação com o próprio governo. Como eu já tinha pensamentos libertários comecei a ver aquilo de uma maneira contestatória. Cheguei para eles e falei: “poxa, vocês estão dentro da ocupação, dando até um certo apoio à gente, me levaram para o partidão, o PCB, dizem que defendem as ocupações, mas o que acontece na

verdade é o contrário, vocês usam a massa como massa de manobra e os representantes das ocupações como pau mandado. Vocês usam a gente para fazer pressão contra o governo dizendo que é para reivindicar nossos direitos, mas só que nessa reivindicação o que vocês ficam querendo é algum tipo de benfeitoria para vocês, não para os trabalhadores, negociando nossos direitos e nos usando como massa de manobra”.

Libera – E o que aconteceu, então?

Marco – Eu contestei, não aceitei essas questões dentro do partido. Uma militante do partido que se chama Valmíria criticou minha posição e aí é que eu vi realmente o que era marxismo e o que era anarquismo. Desse dia em diante pedi meu afastamento. Para se ter uma idéia de como estavam as coisas, participei de um congresso municipal há uns três anos, onde nós, do partido, massacramos o PC do B e colocamos uma junta de representantes do partido dentro da FAMERJ. Seis meses depois o partido fez novamente uma aliança com a própria Jandira Fegalli. Eles estavam querendo fazer aliança e levando a campanha dela para dentro das ocupações. Eu falei “aqui na Vila da Conquista não vão entrar porque como é que você pode brigar com um inimigo hoje e amanhã estar negociando com eles ? E dizendo às populações a quem vocês falavam que eram inimigos para apoiá-los ? Isto é complicado para minha idéia.” Nesta época foi que pedi a renúncia do partido.

Libera – E como foi seu contato com o anarquismo?

Marco – Me trouxeram algumas vezes ao CCS e me apresentaram a diversas pessoas. Mas eu ainda ficava na dúvida se eu era mesmo anarquista, porque meu único contato com eles até então, como já



**Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 4,00).**

O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.

Tiragem: 2.500 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

disse, tinha sido com meu pai com quem, apesar de conversar muito, convivi pouco. Conversando com vários anarquistas nesta fase agora, é que começaram a despertar algumas coisas que estavam ocultas na minha memória, e que me ajudaram a desvendar a parte do anarquismo que ainda me faltava descobrir. Hoje estou aqui participando desta luta e vejo que é uma luta que sempre procurei, mas que eu não sabia onde encontrar, quais seriam os caminhos. Acredito que haja muitos companheiros que estão nessa mesma situação, aí pelo Brasil afora, apesar do anarquismo ter uma certa divulgação.

Libera – *Haveria simpatizantes do anarquismo nas ocupações?*

Marcos – Há pessoas dentro das ocupações que contestam o sistema, não querem ser dominadas por uma ordem que vem de cima, acham que a justiça tem que começar de baixo, só que não sabem como explicar, por onde trilhar essa situação. Vejo que dentro de cada ser humano, tanto daqueles menos merecidos, os miseráveis quanto dos que vivem em berço de ouro existe um espírito libertário. Até mesmo porque sabemos que existe um semeador que diz em suas histórias que o homem nasceu para ser livre, sem divisão ou limitação como existe atualmente. Tiramos o exemplo disso pelo ar que respiramos, que está em toda parte, no Brasil, na América, na Ásia, no Ocidente no Oriente, na Europa ou na Rússia, porque ele é uma forma de livre criação, não há ninguém que o impeça, ele é livre. Então acho que toda a Natureza é anarquista, só que a sociedade não entende isso, tenta fazer o ser humano irracional. O semeador diz que o homem é feito à imagem e semelhança dele e também que o homem possui o livre arbítrio, que ele nunca criou lei nenhuma para que o ser humano fosse limitado. Então são coisas que me eram inerentes. Era algo que eu via, e ficava analisando. Se na palavra do semeador não tem uma palavra que ponha hierarquia de poder sobre o ser humano, é sinal de que o homem é livre, ele não foi feito para ser preso nem dominado. Então por que se criou uma razão de que um é melhor do que outro, um é doutor, outro é “seu” fulano e vai se criando uma hierarquia, vai se formando o rei, o príncipe, o governo. Acho que isto é algo muito ruim, porque nós temos os direitos que a própria natureza nos deu, mas o homem oculta isto.. Então descobri que minha natureza já era anarquista e que muitos já nascem com esta natureza. E dentro da ocupação o que vejo acontecer é que com alguns é o que acontecia comigo: querem descobrir, mas ainda estão em um processo de transformação.

Libera – *Podemos dizer que na Vila da Conquista existe um anarquismo “na prática”, no dia a dia?*

Marco - O anarquismo na Vila da Conquista é trabalhado de uma certa maneira, procurando aplicar seus princípios na prática. Temos a horta comunitária, criada de maneira autogestionária, para poder ser uma horta matriz, no sentido de distribuir para as famílias o aprendizado de como fazer uma horta e ao mesmo tempo fazer com que os moradores levem mudas para suas casas e as plantem ali, para que não sejam mais dependentes do sacolão nem do mercado, e muito menos da horta comunitária. Outro trabalho é o de reforço escolar que é feito com o grupo estudantil libertário em que são passados ensinamentos libertários para crianças e adultos. Há ainda um trabalho de reciclagem que envolve uma autogestão igualitária para todos e também que venha a criar uma certa educação ambiental para o indivíduo, através da

aprendizagem de um ofício e para que, através daquele ofício, ele venha a ser seu próprio patrão e empregado. Este trabalho de reciclagem com garrafas pretendemos levar a outras ocupações.

Libera – *Como você vê o papel a ser desempenhado pelo anarquista?*

Marco - A questão em relação especificamente à nossa frente de trabalho é a de se envolver não só com a Vila da Conquista mas também com outras ocupações, porque acho que todo trabalho do anarquismo é um passo da revolução. Em tudo o que contestamos contra os sistemas estamos sendo revolucionários libertários. Se estamos contestando é porque não aceitamos aquelas imposições que o sistema tenta impor sobre nós, seres humanos, é porque estamos sendo uma ferramenta da revolução. Acho que cada anarquista tem que tomar isso com prazer, com honra, com dignidade. Não é preciso ir a muitos anos atrás, basta ir até os anos 10 para ver como começou a luta dos trabalhadores no Brasil, como é que os anarquistas se envolveram com a classe operária. Hoje o anarquismo está dando um passo à frente. Mas nós temos que prestar muita atenção no que o semeador fala, de que o homem sai para trabalhar em sua lavoura, arar a terra, plantar, jogar a semente, mas só que o homem não deve deitar e cochilar depois que a semente foi lançada, porque então ela brota e se ele estiver cochilando os corvos vêm e devoram as sementes. Então quando lançamos a semente ao campo parece que acabou o trabalho mas ele está apenas começando. O próprio semeador diz que quando conheceu o agricultor ele era frio, depois que o conheceu ele se tornou morno. E então diz o semeador: “pois saiba que estou a ponto de vomitar-te de minha boca, porque antes te preferia que fosses frio ou quente do que morno”.

Libera – *E quem seria o semeador?*

Marco – O próprio movimento anarquista. Os agricultores somos nós, os militantes. O morno é aquela pessoa que diz “hoje eu conheço o anarquismo, conheço a luta, então posso deitar na rede e descansar”. Esse é o perigo, o homem que se torna morno quando descansa está prestes a ser derrotado. Então temos que ter estas palavras como cautela e bússola. Permanecemos sempre quentes, porque nosso trabalho não tem fim, não tem acabamento. Quando hoje você planta uma semente em um campo ela brota hoje para amanhã brotarem, 30, 60, 100. Ela vai se multiplicando, como o nosso trabalho. Se somos representantes dessa luta, não devemos esmorecer de maneira alguma e sempre casar a teoria com a prática. Diz novamente o semeador: não há fé sem obra, a fé sem obra é morta. Hoje estou fazendo um trabalho junto com o pessoal da FARJ, no CCS, trabalho de reciclagem, estamos dando início a um projeto de fraldas, estamos fazendo um projeto também de ajudar nos bolinhos para que possamos ter meios de verdadeiramente aproveitar este espaço onde já se desenvolvem vários trabalhos e ampliá-los. Temos que aproveitá-lo, porque é um espaço muito bom que nós anarquistas temos que aproveitar. Em muitos estados e países não há a oportunidade que temos aqui, então temos que segurar isto com toda garra, porque podemos ajudar não só ao movimento como a muitos anarquistas que já existem por aí, desenvolvendo vários projetos de trabalho para favorecê-los.

HOMENAGEM A IDEAL PERES NOS 10 ANOS DE SUA MORTE

Em concorrida sessão especial a 16 de agosto, o *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres* (CELIP) homenageou a memória de um de seus fundadores, na data de seu falecimento ocorrido há dez anos. A reunião foi realizada no Sindsprev/RJ, local onde o CELIP vem funcionando todas as terças-feiras (Rua Joaquim Silva, 98A, auditório do 3º andar, Lapa). O evento contou com a presença de diversas pessoas que conheceram Ideal Peres pessoalmente e que ali foram para lembrar sua convivência pessoal com aquele que é hoje reconhecido como uma das figuras seminais do atual movimento anarquista no Rio.

Ao dar início aos depoimentos, Renato Ramos narrou como

Ideal, filho de militante anarquista iniciou sua própria militância ao final do Estado Novo participando do movimento de resistência dos anarquistas para preservarem sua doutrina, em face da hegemonia marxista e populista que os colocou à margem do movimento operário. Rememorou ainda a criação do *Centro de Estudos Professor José Otílica* (CEPJO) no Rio, em 1958, em que Ideal teve participação ativa até seu fechamento pelos militares em 1969, ocasião em que foi preso com outros integrantes do CEPJO, sendo sua casa invadida e saqueada pela repressão. Neste sentido, relembrou que logo após o golpe de 1964, Ideal já havia escapado da prisão ao compor grupo

que retirou material comprometedor da sede do CEPJO ali abandonado por trotskistas que sublocavam o espaço. Com o fim da ditadura Ideal e sua companheira Esther Redes fundaram junto com outr@s companheir@s o *Círculo de Estudos Libertários* (CEL, que se transformou no CELIP após seu falecimento). Mencionou também a atuação de Ideal no movimento de bairros no início dos anos 80, e sua participação na *Associação de Moradores do Leme*.

Recordou que conheceu Ideal Peres em 1986 quando o então CEL funcionava na escola Senador Correia, em Laranjeiras, e a partir deste espaço, formou com outros companheiros o *Grupo Anarquista José Otíctica* (GAJO). Seu grupo participou da edição do jornal anarquista *O Inimigo do Rei* em sua última fase, assim como da revista *Utopia*, publicada entre 1988 e 1992. O GAJO e outros grupos libertários fizeram uma forte campanha pelo voto nulo nas eleições de 1988, com repercussão junto aos políticos que se sentiram por ela atingidos, chegando o então vereador Chico Alencar (PT/RJ) a promover uma “contra-campanha”, incitando os jovens a exercerem seu “sagrado” direito ao voto. Ideal Peres incentivou ou participou de todas estas iniciativas, inclusive apoiando o jornal *Mutirão*, uma das primeiras tentativas dos anarquistas de voltar ao protagonismo social. Em 1991, Ideal afastou-se do CEL, passando sua responsabilidade para militantes mais jovens. Passou então a correr o país divulgando o anarquismo através de palestras.

Milton Lopes, por sua vez, contou como conheceu Ideal Peres em 1973 na casa deste no Leme, ali mandado por outro militante histórico do anarquismo no Rio, o editor Roberto das Neves. Desconfiado por ter acabado de sair do processo do CEPJO, Ideal acabou acertando com Milton e alguns outros colegas seus que se interessavam pelo estudo das idéias anarquistas a constituição de um grupo de estudos que funcionou durante alguns anos na residência de Ideal. Disse Milton que esta oportunidade lhe permitiu, além de colocá-lo a par da história e da doutrina anarquistas, conhecer pessoalmente a antigos militantes que por ali passavam como o professor Matos, Roberto das Neves, participantes do *Movimento Estudantil Libertário* que tinham sido presos com o pessoal do CEPJO, o professor Pietro Ferrua (hoje residindo nos Estados Unidos) e, principalmente, Diamantino Augusto, velho mas jovial militante de Santos (onde coordenou uma greve nas docas em 1920) e do Rio de

Janeiro, que o impressionou particularmente. Ou então ouvindo recordações de militantes já falecidos como o professor José Otíctica (a quem Ideal foi muito ligado).

Aquele momento era apenas o de manutenção do movimento e Ideal procurava refrear os arroubos mais “revolucionários” dos companheiros mais jovens de maneira bem humorada. Mas de acordo com Milton, em uma das primeiras reuniões do CEL, Ideal queria, à saída, iniciar pichação de muros e colar cartazes, sinalizando que os tempos haviam mudado e que neles não haveria lugar para os anarquistas “filósofos”. Para Milton Lopes o que Ideal lhe transmitiu é que o anarquismo é uma doutrina mas, acima de tudo uma prática que pode transformar o mundo ao atacar de frente e com ética as raízes dos males sociais.

Já Fábio López teve seu primeiro contato com Ideal Peres no CEL. Relembrou que este possuía às vezes um temperamento difícil, o que nunca particularmente o incomodou. Além de nunca ter levado *puxão de orelhas* do Ideal, disse ele, “é preciso reconhecer que todas as vezes em que este *temperamento difícil* se manifestava era porque alguma coisa séria estava acontecendo, ou iria acontecer, em termos de desrespeito aos princípios anarquistas. Não esqueçamos que ele começou a militar ainda muito jovem e que o que ele falava era produto de uma experiência muito grande, tinha muito valor.”

Oscar Farinha comentou a seguir que Ideal embora fosse uma pessoa difícil não era autoritário. Lembrou que também chegou a Ideal através de Roberto das Neves e que este o ajudou bastante nas pesquisas para sua tese sobre a *Federação Operária do Rio de Janeiro*, posteriormente lançada em livro pela Editora Achiamé. Róbson Achiamé, também presente, apesar de também ter conhecido Ideal Peres, preferiu não dar depoimento explicando que pouco havia convivido com ele e que esta pouca convivência havia ocorrido ao final da vida de IP.

Ao final da reunião bem que poderia ter passado pelo pensamento dos presentes que a melhor definição para Ideal Peres seria a que ele usava para o militante anarquista: “um sujeito que tem uma ética libertária sabe porque está lutando e consegue explicar os motivos ideológicos da luta; tem compromisso e autodisciplina para levar a cabo as tarefas assumidas”.

.....Notícias Libertárias.....

No Equador, os povos Huaorani marcharam, no dia 12 de julho, até a capital Quito para protestar contra a exploração, pela Petrobras, de reservas de hidrocarbonetos existentes no Parque Nacional de Yasuní, local de origem da referida etnia. O governo Lula, como reforço do destacado papel de nação sub-imperialista, enviou carta ao presidente do país manifestando clara preocupação em relação ao atraso do projeto da estatal brasileira na região. Todo apoio aos índios insurgentes na América Latina!!! Todo apoio aos companheiros Huaorani!!!

Visitas: No dia 05 de agosto o CLAVE comemorou seu terceiro aniversário no CCS-RJ, com a palestra do companheiro Jonathan Payn, da *Federação Anarco-Comunista Zabalaza* (ZACF), sobre a história e a atualidade do anarquismo na África do Sul. * No dia 10 de agosto reuniram-se na *Biblioteca Social Fábio Luz* anarquistas de

três continentes: nós da FARJ, Jonathan da ZACF e o companheiro Miguel Angel Pradera, da Fundación Anselmo Lorenzo (Espanha), acompanhado de sua companheira Silvana. * Dia 22 de agosto esteve conosco Gianpiero Landi, da *Biblioteca Libertaria Armando Borghi* (Castel Bolognese, Itália), que está pesquisando a trajetória do anarquista italiano Nello Garavini, que junto com sua companheira Ema Neri, viveu e militou no Rio de Janeiro entre 1926 e 1946. O *Núcleo de Pesquisa Marques da Costa* está apoiando o trabalho do companheiro Landi. * No dia 27 de agosto estiveram conosco os companheiros Felipe e Tim, do *Coletivo Anarquista Terra Livre* (SP).

Emecê: Lançado pelo *Núcleo de Pesquisa Marques da Costa* o boletim Emecê, com os textos “Memória é Luta” e “Os Grupos Específicos Anarquistas nos Anos do Sindicalismo Revolucionário”.



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * **LETRALIVRE**. CP 50083. CEP 20062-970. Rio/RJ * **COL. DOMINGOS PASSOS**. CP 100670. CEP 24001-970. Niterói/RJ * **CCS**. CP 2066. CEP 01060-970. São Paulo/SP * **ANA**. CP 78. CEP 11525-970. Cubatão/SP * **COL. TERRA LIVRE**. CP 1731. CEP 01009-970. São Paulo/SP * **COMLUT**. CP 768. CEP 13001-970. Campinas/SP * **MLPL**. CP 146. CEP 40001-970. Salvador/BA * **APPL**. CP 053. CEP 40001-970. Salvador/BA * **NUELCA**. CP 14. CEP 48000-970. Alagoínas/BA * **FCL**. CP 10.115. CEP 58109-970. Campina Grande/PB * **MAPIBA**. CP 185. CEP 40001-970. Salvador/BA * **GEAL**. CP 3244. CEP 78060-970. Cuiabá/MT * **CNA**. CP 294. CEP 01059-970. SP * **CRAP**. CP 584. CEP 14801-970. Araraquara/SP * **OPÚSCULO LIBERTÁRIO**. CP 15. CEP 11401-970. Guarujá/SP * **AFIME GEAAP**. CP 2744. CEP 59022-970. Natal/RN * **MOTIM**. CP 77. CEP 29146-970. Cariacica/ES * **RLBS**. CP 99. CEP 11010-970. Santos/SP * **GASA**. CP 11. CEP 29390-000. Ilúna/ES * **CCMA**. CP 665. CEP 01059-970. São Paulo/SP * **BARRICADA LIBERTÁRIA**. CP 5005. CEP 13036-970. Campinas/SP * **CAZP**. CP 136. CEP 57020-970. Macaé/AL * **CAO**. CP 306. CEP 65001-970. São Luís/MA * **FENISKO NIGRA**. CP 999. CEP 13001-970. Campinas/SP * **COL. RUPTURA**. CP 2501. CEP 60721-970. Fortaleza/CE